

Vida Internacional

Estado melindroso das relações ang'o-francezas -- A carta do Papa sobre a politica das reparações

Continua o caso das reparações a ser a maior dificuldade da emaranhada teia de complicações em que se debate a Europa.

A Inglaterra e a França não se entendem e é prova ve que não venham a entender-se nunca. Lord Curzon pretende que o *Quai d'Orsay* responda por escripto ao questionario britanico que ha umas poucas de semanas tem em seu poder.

A principio a crise ministerial belga serviu de pretexto para adiar a resposta. Que o governo francez — dizia-se de Paris — nada tinha a responder, pois a sua orientação estava assente e era bastantemente conhecida; todavia, quando a Belgica regressasse á normalidade governamental, o gabinete francez não teria duvidas em entabolar com os gabinetes de Bruxelas e Londres conversações que pudessem esclarecer a questão e conduzir a um acordo perfeito e á acção conjuncta das tres nações aliadas.

Ora o gabinete belga está constituido, ou melhor, reconstituido, consoante o leitor sobejamente sabe pelo que as gazetas noticiaram... e o sr. Poincaré continúa a incumbir o conde de Saint-Aulaire, embaixador francez em Londres, de dar oralmente quantos esclarecimentos o governo de Sua Magestade Graciosissima possa desejar sobre a questão das reparações e assuntos afins.

Scripta manent e por isso o sr. Poincaré se tem mantido obstinadamente na defensiva das declarações verbaes, cautela resolução aconselhada por aquele seu compatriota que se chamou Francisco Maria Arouet e que se comprometia a mandar enforcar um homem de quem lhe dessem duas palavras escritas.

Esta atitude exasperou, porém, as placidas gentes de Além Mancha, que começam a alvitrar a solução de a Gran Bretanha se entender directamente com o *Reich*, liquidando as suas contas — que as boas contas fazem os bons amigos!... — e deixando depois que a França se desenvençilhe como puder da insolvencia alemã.

Foi o que propoz ha dias o *Daily Mail*, n'um artigo que deu brado.

Dezenove dias vão transcorridos depois que o questionario britanico foi enviado a Paris — dizia o jornal inglez — e não ha sequer indícios de que a resposta venha a caminho... Ora se o governo britanico não receber qualquer resposta da França nos primeiros dias da semana corrente, é muito possivel que faça uma declaração politica, esboçando as condições em que, a seu vêr, deve assentar o regulamento definitivo do problema... O sr. Baldwin poderia concluir um acordo separado com a Alemanha, a fim de garantir para a Inglaterra as anuidades necessarias para pagamento da divida ingleza aos Estados Unidos.

D'esta forma a Alemanha embolsaria a Tesouraria britanica dos 35 milhões de libras que a Gran Bretanha annualmente tem que pagar á America.

Crê-se na Inglaterra que a Alemanha acederia de bom grado a este regulamento das contas germano-britanicas, garantindo-o com os valores alemães depositados nos bancos estrangeiros.

Ficaria assim a França isolada, a braços com a questão do Ruhr, de solução cada vez mais difficil.

E como a Alemanha, já então perfeitamente de candeias ás direitas com a Inglaterra, não deveria ser arruinada pela occupação franceza, o *Daily Mail* lembra que a Inglaterra e os Estados Unidos coagiriam o governo do sr. Poincaré a pagar as dividas de guerra, o que levaria a França á ruina, impossibilitando-a de proseguir na occupação!

Esta linguagem do popularissimo diario inglez é um singular sintoma da exasperação a que se chegou na Ingla-

terra, tanto mais significativo e importante quanto é certo que o *Daily Mail* era ainda ha pouco defensor acerrimo da politica franceza das reparações.

Esta campanha da imprensa ingleza contra a França exacerbou-se singularmente nos ultimos dias. O *Sunday Times*, a *Westminster Gazette* e o *Manchester Guardian* accusam a França de estar causando a ruina economica de toda a Europa. O *Manchester Guardian* chegou a afirmar que a Inglaterra vae tomar a iniciativa d'uma coligação contra a politica franceza, em que entrariam a Inglaterra, os Estados Unidos, a Italia, a Alemanha, os estados neutros e a propria Belgica.

Está bem de vêr que estas coisas nunca se fazem tão depressa como se dizem e as relações entre o *Foreign Office* e o *Quai d'Orsay* continuam a manter a cordealidade oficial mais ceremoniosa. Todavia o sr. Poincaré, para atalhar males maiores, vae aceder aos desejos de Lord Curzon e responder por escripto ao questionario inglez. O ministro dos Estrangeiros da Gran Bretanha recebeu no dia 3 o embaixador belga barão de Moncheur, e depois o embaixador francez conde de Saint-Aulaire.

Pode ser que essas visitas sejam o inicio de negociações que tudo encaminhem pelo melhor caminho.

Assim seja...

O acontecimento internacional mais importante dos ultimos quinze dias, foi sem duvida a carta que o Papa enviou ao Cardeal Gasparri, secretario de Estado pontificio, a proposito das reparações.

E' um nobre e levantado documento, que procura lenimentar com palavras calmantes as paixões nacionalistas exulceradas e intransigentes.

O Pontifice salienta a gravidade da situação europeia e mostra serias apreensões pelo futuro da Europa... *i rapporti internazionali non solamente non sono migliorati, e come si era in diritto di attendere dalla Conferenza di Genova. ma sono piuttosto peggiorati così da giustificare nuove e più gravi preoccupazioni.*

Por isso, na ocasião em que se preparam novas conver-

sações entre as poiências interessadas no conflicto das reparações, o Papa julga do seu dever fazer ouvir a voz imparcial da Santa Sé, aconselhando a todos as leis da justiça e da caridade. Com esse intuito roga ás nações interessadas *di esaminare le diverse questione ed in particolare la questione delle riparazioni, con quello spirito cristiano che non disgiunge le ragioni della giustizia da quelle della carità sociale su cui poggia la perfezione della convivenza civile.*

Em seguida entra propriamente no assunto que o moveu a escrever o documento em questão, sugerindo a solução mais justa e christã do conflicto: se o devedor der sinceras provas de querer pagar e se sujeitar ao juizo que os tecnicos, imparcialmente e conhecidos todos os elementos de informação sobre a sua solvabilidade, formularem, não se lhe deve exigir mais do que ele pode pagar sem se arruinar e sem comprometer o seu futuro economico.

O texto italiano diz assim:

Qualora il debitore nell'intento di risarcire i danni gravissimi sofferti da popolazioni e da paesi un di prosperosi e fiorenti, dia prova della sua seria volontà di giungere ad un equo e definitivo accordo, invocando un giudizio imparziale sui limiti della propria solvibilità ed assumendo l'impegno di somministrare ai giudici ogni mezzo di vero ed esatto controllo, giustizia e carità sociale, come pure l'interesse medesimo dei creditori e delle nazioni tutte, stanche di lotte ed anelanti alla tranquillità, sembrano richiedere che non si esiga dal debitore quello che esso non potrebbe dare senza esaurire interamente le proprie risorse e la propria produttività con irreparabile danno suo e degli stessi creditori, con pericolo di perturbazioni sociali che sarebbero estrema jattura dell'Europa intera e di risentimenti che rimarrebbero minaccia continua di nuove e più rovinose conflagrazioni.

Por outro lado, os credores precisam e é justo que tenham as suas garantias, mas talvez fosse possível substituir a occupação territorial por garantias igualmente eficazes e menos dolorosas para o devedor:

Eguualmente, é giusto che i creditori abbiano garanzie

che siano proporzionate all'importanza dei loro crediti e ne assicurino l'esazione, dalla quale dipendono interessi anche per loro vitali; lasciamo però loro considerare se sia necessario a tale intento mantenere in ogni caso occupazioni territoriali che impongono sacrifici gravosi ai territori occupati ed alle nazioni occupanti o non venga piuttosto sostituirvi, sia pur gradatamente, altre non meno idonee e certo meno penose garanzie.

Esta carta deu origem a numerosos comentários na imprensa de todo o mundo e em todo o mundo foi acolhida com sympathy e aplauso, excepto na França.

N'este paiz, os nacionalistas mantiveram perante o documento pontificio uma attitude cheia de reservas, por lhes parecer que o Papa advogava a causa da Alemanha e reprovava a politica franceza do Ruhr.

Os radicaes, por seu turno serviram-se da carta papal para atacar o governo no caso do restabelecimento das relações diplomaticas com a Santa Sé. E, como resposta ao Papa, o senado francez aprovou por unanimidade os creditos pedidos pelo governo para a continuação da occupação do Ruhr.

Apenas os jornaes catholicos e uma ou outra voz mais calma mostraram quanto o documento pontificio é inspirado n'um grande desejo de paz, conciliação e justiça.

A discussão á volta d'este assumpto vae acalmando. O que não acalma é a exaltação franceza ante a improductividade da occupação.

Talvez esta semana ocorram factos que deem um rumo novo e definitivo á politica inter-europeia.

Correia Marques.

P. S. — Depois de redigidas as mal amanhadas regras que acima ficam, chega a noticia de que o *Premier* britanico fez nos Comuns uma importantissima declaração sobre a questão das reparações e em especial sobre o conflicto do Ruhr. Anunciou o sr. Stanley Baldwin que, não tomando a França e a Belgica a iniciativa de responder á nota alemã de 7 de junho, ia o governo britanico redigir a

resposta, que depois submeteria á apreciação e aprovação dos aliados.

E se estes não a aprovarem? A Inglaterra responderá aos seus aliados que cada um sabe de si e Deus sabe de todos e tratará directamente e isoladamente com a Alemanha.

C. M.

Revista das revistas

A comedia do regionalismo, os novos barões e mais coisas igualmente saborosas--A «Alma Nova» e os seus n.^{os} 4 a 6 da III série

Com o dobar lento dos anos e mercê d'um processo de resurreição no qual se encontram igualmente dobradas a lição amarissima da experiencia e as invenciveis características proprias, a gente culta da nossa terra tem ido recobrando pouco a pouco o antigo e perdido gosto pelas nossas coisas, não sendo hoje vulgar o toparmos alguém que d'elas desdenhe. Bem sei, e ninguém com isso nos dará novidade, que na moderna febre de portuguesismos, de interiores trastejados á antiga, de mantas serranas, de lenços sarapantões e de mobílias pinturiladas ingenuamente de florinhas rudes, ha uma formidavel, uma tristissima exhibição de torpe snobismo, havendo muito individuo cheio de têres que dá a todos os diabos um raio de moda que o impede de trastejar em estilo brasileiro-rico, ou Portas de Santo Antão, a sua moradia e o obriga a dispendir um rôr de contos de réis na compra dum contador sofrivelmente D. João V, dum Chipendale impossivel, dum leito vasto como um oceano e falso como Judas ou de cestos e tapetes regionaes cuja beleza não comprehende, e cuja significação o espirito desnacionalizado lhe não ex-